

O intercâmbio polémico em fóruns de discussão *online*: o exemplo dos debates sobre as opções de acções e bónus no jornal *Libération*

Ruth Amossy*

Resumo: Partindo de fóruns de discussão disponibilizados *online* por jornais, este artigo pretende analisar os efeitos da «conversacionalização» sobre a polémica, com os seus efeitos de subjectivação e de oralização. Esta não é definida como um fenómeno de *flames* próprio da Comunicação Mediada por Computador (CMC), mas como um confronto violento de teses antagonistas, que deriva plenamente da argumentação. Uma pesquisa de campo foi realizada através de trocas polémicas surgidas no fórum *online* do diário francês de esquerda *Libération*, sobre a questão das opções de subscrição de acções e dos bónus em tempos de crise (Março de 2009). Este estudo permite demonstrar: (1) como o levantamento da polémica se deve à expressão de uma opinião pessoal que provoca uma ruptura com o que é habitualmente comum à comunidade virtual; (2) como o paradoxo de uma forte subjectivização num espaço onde os participantes estão escondidos sob um pseudónimo produz uma forma onde a argumentação raciocinada se mistura com a querela pessoal. É à luz da lógica que liga estes dois modos de troca que é medida a mudança sofrida pela polémica nesta nova forma de imprensa.

Palavras-chave: polémica, fóruns de discussão, conversacionalização, subjectivização, argumentação, querela.

Introdução

O objectivo deste trabalho é duplo: explorar as novas formas de que se reveste o discurso polémico nas comunicações mediadas por computador (CMC); ver o que acontece com as trocas conflituais dos assuntos públicos quando elas ocorrem no ciberespaço.

* ADARR, Tel-Aviv. amossy@attglobal.net

A pesquisa será conduzida em fóruns de discussão propostos pelo diário francês de esquerda *Libération*, onde, como na maioria dos jornais, há comentários a seguir aos diferentes artigos. A minha hipótese é que a «conversacionalização» (Fairclough, 1992) dos debates políticos conduzidos por cidadãos comuns na Internet muda profundamente as formas de polémica e as funções que lhe são dadas a desempenhar na praça pública. Abordarei não só os efeitos de uma interação conflituosa sob a forma de diálogo plural (Marruccia, 2004), mas também, e acima de tudo, a subjectivização e a oralização que caracterizam o confronto das teses opostas nas conversas digitais.

A polémica como modalidade argumentativa e a violência verbal

Importa clarificar desde o início o significado dado aqui à noção de polémica, que se diferencia de *flame* (ou *flaming*), em que preferencialmente incidiram vários especialistas da Internet. O neologismo *flame* significa no vocabulário corrente da Net uma interação hostil ou insultante que surge no contexto de uma discussão *online*; ele é definido como uma mensagem incendiária que contém críticas pessoais e ataques ferozes, muitas vezes expressos de uma forma insultuosa e inadequada. O fenómeno, atribuído aos oradores que gostam de semear a discórdia (os *trolls*), vistos como próprios à CMC, é geralmente descrito como não-construtivo. A literatura académica reflecte esses conceitos ligando os *flames* definidos como mensagens hostis e provocadoras, expressão agressiva de sentimentos hostis, a um tipo de interação livre dos constrangimentos do cara-a-cara e, portanto, propício à violência verbal. Alguns começam todavia a questionar a condenação unilateral dos *flames* e preparam o caminho para o tipo de investigação utilizada aqui, sugerindo não substituir um julgamento normativo anterior à observação dos factos: nada prova à partida que os *flames*, que segundo os autores não são específicos da CMC, não têm «valor funcional» (O’Sullivan & Flanagan <http://my.ilstu.edu/~posull/flaming.htm>: 6).

É necessário, no entanto, sublinhar desde já que estas explosões de violência verbal não devem ser confundidas com as trocas polémicas, embora frequentemente contenham marcas de agressão que podem ir até ao insulto. De facto, a polémica é definida como uma *modalidade argumentativa* que consiste na confrontação violenta de teses antagónicas (Amossy, 2008). Como tal, constitui um dos pólos da argumentação concebidos como um contínuo que vai até à co-construção das respostas¹. Localizada numa das extremidades deste contínuo, a troca polémica representa o rosto conflituoso da argumentação. Ela implica um Proponente, um Oponente e um Terceiro, exercitando-se cada adversário em desacreditar o ponto de vista e a pessoa do outro de modo a fazer triunfar a sua própria causa (Kerbrat-Orecchioni 1980: 7). É este confronto de pontos de vista que será discutido aqui, e não a violência verbal em si. Como bem observa Garand (1998: 206), «o denominador comum de todos os enunciados polémicos não [...] é a violência mas o conflitual [...] toda a palavra polémica decorre do conflitual».

¹ Para uma discussão da pertença legítima da polémica à argumentação, e uma reflexão sobre as funções construtivas, cf. Amossy 2010.

Neste contexto, o fenómeno dos propósitos incendiários na Internet, ou *flames*, mais do que ser considerado e estudado como um traço inerente à CMC, deve ser subordinada ao fenómeno da colisão entre teses opostas, onde o seu lugar fica por determinar.

A «conversacionalização» do debate político e a subjectivação

A análise das modalidades electrónicas da polémica apoia-se, aqui, num estudo de caso específico, os fóruns de discussão sobre as opções de subscrição de acções e bónus distribuídos aos «patrões» em plena crise económica (Março 2009). Sabemos que o *Libération* propõe, desde 1997, fóruns *online* divididos em secções similares às do jornal (aqui «Economia») (Falguères 2007). Sob cada título está indicado o número de comentários postados e visíveis para todos. Para participar activamente no fórum, basta inscrever-se (gratuitamente) e escolher um pseudónimo, e depois fazer um perfil no qual cada um coloca informações à sua escolha e uma eventual foto que caracterize o internauta (mas nunca uma foto de si próprio). Os internautas comprometem-se a seguir um código – qualquer violação à «netetiqueta» pode levar à penalização pelo moderador (no lugar da mensagem excluída, encontramos a frase: «esta contribuição, contrária à carta do *Libération*, foi enviada para o cemitério dos comentários»). Já pelo próprio formato, o fórum esconde a identidade civil dos participantes, retira a noção de «auto-rialidade» que continua no centro da prática jornalística tradicional, e cria diálogos plurais abertos: qualquer um pode participar nas conversas múltiplas e cruzadas que ocorrem em simultâneo *online*.

Neste discurso *online* chamado «profano», incentiva-se a expressão das opiniões, das reacções e sentimentos pessoais, sem nenhuma exigência de conhecimentos. Daí que uma forte subjectivação da discussão política invada o espaço da Internet, alterando profundamente as regras da imprensa tradicional. Nota-se que, aqui, a noção de subjectivação é entendida em sentido lato. Daí a forte subjectividade no discurso que se manifesta linguisticamente no dispositivo de enunciação e o uso das avaliações, axiológicas e afectivas (Kerbrat 1980b). Ela acentua também a dimensão linguística – o falante assume a responsabilidade de um ponto de vista do qual é fonte, ou recusa-se a apoiar uma determinada perspectiva da qual discorda (Dendale & Coltier 2005). Mas temos de alargar o leque das possibilidades: para além dos marcadores linguísticos concretos, podemos ver uma subjectivização na tomada de posição de um falante que exprime a sua opinião sobre um tema controverso. O conceito de «opinião», que o consenso geral diz que não é detectável discursivamente se não for acompanhado de um metadiscorso – «é a minha opinião pessoal», «na minha opinião» –, é definido como a posição de avaliação de um indivíduo sobre o estado de coisas: ela fornece a representação de uma situação externa fundada numa apreensão interior desta mesma situação (Schiffrin 1990: 244-5). No entanto, a opinião prevalece nos fóruns de discussão, onde os utilizadores da Internet expressam a sua opinião sobre uma pergunta formulada, mesmo quando a sua intervenção tem a forma de uma afirmação forte, de uma transmissão de conhecimento ou da refutação de uma regra. Ela é válida, tanto em intervenções onde predomina a ausência de enunciação, como naquelas intervenções onde o «eu» se

alonga no discurso. Ou seja, os fóruns de discussão permitem tanto a invasão do espaço jornalístico por uma subjectividade marcada de forma concreta no discurso e na rede de interacção, como a expressão de opiniões pessoais nos debates argumentativos ligados a problemas gerais.

A subjectivação assim definida está em parte ligada a uma troca que, apesar de escrita e assíncrona, se assemelha a uma conversa oral onde ela constrói um lugar de debate público. É neste sentido que podemos falar de «conversacionalização» no sentido de Fairclough (1992), a não confundir com o conceito de oralidade que é apenas um epifenómeno. É o caso da «extensão do tipo de conversa a outras situações discursivas» (que faz «migrar» a conversa «da esfera privada para o domínio público») (Gader 2005: 240). Neste contexto, o jornal toma a forma de uma troca verbal entre indivíduos, onde se desenrola um confronto de cidadania.

Os paradoxos da subjectivação e os seus efeitos sobre a troca polémica de fóruns de discussão

Esta invasão do espaço público pela conversação privada não deixa de dar origem a uma série de paradoxos no fórum de discussão. Se este último usa uma linguagem oral susceptível de reforçar a impressão de conversação, ele também usa as modalidades de escrita com todos os seus benefícios argumentativos. Mais visível ainda, a subjectivação é feita *sob a máscara do pseudónimo*: desconhecemos o nome, o estatuto social, a autoridade profissional do usuário. O perfil, quando é dado, fornece apenas informações limitadas, e a foto não permite visualizar o sujeito falante.

Note-se que o «aspecto descorporizado e diferido da comunicação», onde «a assunção de riscos» tem pouca importância, incentiva o confronto de posições extremas (Lefèvre 2002: 388). Ainda assim, um tal dispositivo é a antítese, não só da conversa normal, mas também das trocas polémicas tradicionais – basta pensar na carta aberta, no debate televisivo, ou até no debate político cara a cara num bar ou num salão. Tal como é praticado nas democracias contemporâneas, o ataque político é assumido por um actor social que avança com a cara descoberta e implica a sua pessoa para promover uma causa ou combater um abuso. Ele põe, de alguma forma, a sua assinatura sobre a contestação e lidera a luta ao mobilizar todos os recursos que o seu nome, estatuto, funções e competências reconhecidas põem à sua disposição. É neste sentido que o polémico assume plenamente a sua responsabilidade: ele compromete-se e compromete a sua pessoa civil num combate onde pode sofrer represálias – não só acções legais, como também danos à sua reputação, o rompimento dos laços sociais ou danos causados aos seus interesses privados. Nada disto acontece nos fóruns de discussão. Se as críticas e os ataques marcam aqui um forte envolvimento pessoal e uma tomada de palavra política por um indivíduo singular, é no seio de um jogo de papéis que levam a uma despersonalização, e uma desresponsabilização ao nível jurídico, social e ético (o usuário não pode ser penalizado). Desde que já não sejam personalidades ancoradas no mundo real que se confrontam, a troca polémica já não opõe actores sociais mas «avatars», seres que têm uma identidade fictícia no ciberespaço. Em suma, estamos perante uma situa-

ção paradoxal que subjectiviza fortemente a discussão política, suscitando um debate desencarnado e desresponsabilizado.²

Nas reflexões actuais e correntes sobre a importância crescente que a CMC toma no debate democrático, alguns comentadores insistem nos perigos desta desresponsabilização. Eles consideram que, sob a capa do pseudónimo, os usuários podem com maior facilidade recorrer à violência verbal. Na «carnavalização» do discurso político, a subjectividade atingiria níveis elevados e daria direitos, sendo que os piores excessos seriam inevitáveis. Por outro lado, congratulam a liberação autorizada pela CMC, e as possibilidades que ela oferece à expressão da subjectividade, graças à regra do anonimato através do pseudónimo.

O confronto que se desenrola entre as máscaras permitiria uma confrontação de pontos de vistas relativos a relações de lugar, restrições de cortesia e manobras impostas para a protecção dos interesses privados³. Por um lado existe o perigo de excessos, por outro a liberdade de argumentação livre de constrangimentos sociais e institucionais, onde o sujeito individual se investe sem restrições: tal é a dupla posição manifestada ao sujeito do discurso polémico nos fóruns *online*. Ao analisar as modalidades de conversionalização próprias do fórum, e os tipos de subjectivação e oralização que ela implica, vai ser questionado o que representa uma polémica com várias vozes na «mascarada» do ciberespaço, e como ela pode modificar, enriquecer, ou pelo contrário, desvirtualizar os confrontos políticos vistos na imprensa.

A frequência da polémica *online* no fórum de um diário de esquerda – *Libération*

É preciso salientar primeiro que os usuários da Internet, pelo simples facto de participarem no *site* de um jornal com uma orientação política e um estilo distinto, já estão classificados: eles fazem parte do grupo dos «leitores do *Libé*». Eles criam no espaço electrónico do jornal uma comunidade virtual, baseada no princípio das afinidades reivindicadas. Seriam de esperar, portanto, divergências de pontos de vista relativamente fracas que não favorecem o conflito de opiniões – os analistas diferenciam muitas vezes os fóruns que acolhem grupos homogéneos dos que permitem encontrar usuários com filiações diversas. No entanto, e contrariamente ao esperado, os fóruns do *Libé* estão povoados de usuários que defendem posições diversificadas e que, de bom grado, se envolvem em polémicas. Encontramos no *corpus* analisado trocas de informação, explicações e até declarações, por vezes acompanhadas de *links* que remetem para um saber exterior; propostas de reformas e de melhorias que apelam à discussão; digressões; mas também comentários nos quais os usuários expressam a sua indignação contra um alvo e debates sobre as posições contraditórias que tomam rapidamente um tom agressivo.

² Além disso, «o aspecto descorporizado e diferido da comunicação», onde «a assunção de riscos» é pouco importante, «incentiva o confronto de posições extremas» (*ibid.*: 388).

³ O anonimato das opiniões expressas, bem como a ausência de marcadores sociais, estão, segundo William Dutton, a exprimir as suas opiniões sem receio de prejudicar o «pacto de estabilidade social» que regula outras relações, por exemplo as relações de vizinhança e as relações amistosas (Greffet & Wojcik 2008: 35).

Nesta gama relativamente ampla, vemos que nos casos abrangidos pelas trocas polémicas, ou seja, por um confronto violento de pontos de vista antagónicos onde todos tentam desacreditar os outros, há a divisão em dois eixos distintos. O primeiro traduz-se por ataques comuns contra um adversário definido. Note-se que as fortes críticas dirigidas contra o jornal ou o signatário do artigo são raras e geralmente permanecem sem resposta: não há, ou há muito pouca, polémica entre o jornal e os seus leitores. Os ataques são dirigidos mais a actores sociais ausentes, como Nicolas Sarkozy, ou um dos seus ministros (Lagarde, por exemplo), o governo em geral, o Medef ou a sua presidente Laurence Parisot, os bancos e a alta finança, os grandes empresários, ou ainda o sistema capitalista na sua versão dita ultraliberal; e também, de forma mais inesperada, e menos colectiva, à esquerda e aos seus representantes. Estes ataques contra um alvo preciso criam um sentimento de pertença a uma comunidade virtual que partilha não só os mesmos interesses e preocupações, como também uma sensibilidade política, uma visão do mundo, e até mesmo afectos profundos. Neste espaço de comunhão, os utilizadores da Net podem, ao mesmo tempo, exprimir as suas reacções em frente a um público de semelhantes, e incentivar à acção – seja ela prática e imediata (manifestar-se, fazer greve, ou ainda mudar de banco) ou global e diferida (contribuir para mudanças, preparar a futura revolução). Um «nós» (eu + vocês) conforta-se em relação a um «ele», uma não-pessoa excluída da comunicação. A segunda dimensão polémica é a das trocas verbais entre utilizadores da Net, que dá lugar a um confronto violento de teses antagónicas. Encontramos desta forma, a par da dimensão dialógica do discurso dirigido contra um alvo *in absentia*, uma dimensão dialógica da palavra conflitual que se exprime nas trocas afectivas. Concentrar-me-ei, aqui, neste último caso.

As causas da polémica: a contestação de um senso comum

No fórum, a polémica não é autonomizada: ela toca em alguns pontos num contínuo. A troca de opiniões em colaboração e a tentativa de co-construir respostas a uma pergunta controversa acaba num choque de opiniões contraditórias em resposta a uma intervenção onde uma opinião pessoal vem violar o acordo. Ela pode contestar posições ou valores partilhados, como por exemplo negando a validade da indignação que suscita a distribuição de opções de subscrição de acções aos dirigentes de bancos apoiados pelo Estado, ou pondo em causa o princípio de uma justa distribuição da riqueza com base no valor da igualdade. Ela pode recusar a pertinência do tratamento da questão: segundo o internauta steppenwolf («más acções para os patrões» – 21/03/09), a questão do despedimento está mal colocada: ele é um foco de gestão que permite o crescimento e no qual os despedimentos fazem parte («um emprego perdido deveria levar a dez reencontrados»). Ela pode, por fim, tentar deslocar o problema: alguns usuários defendem, por exemplo, que não se trata de se atacar os directores de empresas, mas de atacar todos os lucros enormes, em particular o dos futebolistas ou dos artistas. É por isso que a comunidade virtual se une numa base comum (neste caso, o quadro de reflexão global proposto pelo jornal) e trabalha para desenvolver um sentido comum na interacção, e qualquer *post* que viole este acordo é visto como agressivo, suscitando discussões vio-

lentas. Para que haja trocas polémicas é necessário, no entanto, que a quebra introduza uma diferença muito acentuada para que os membros da comunidade *online* se sintam desafiados e sintam a necessidade de responder (alguns *posts* de contestação não suscitam qualquer reacção). Uma vez desencadeada, a polémica dá lugar a uma interacção que vai desde duas a três réplicas a desenvolvimentos polifónicos mais elaborados.

Eis alguns exemplos destes desencadeadores de polémica, que se apresentam sob o aspecto de uma intervenção pessoal inesperada numa conversa em curso. Após o artigo «Está na hora de *Société Générale* rimar com interesse geral», desenrola-se uma discussão sobre o tipo de bancos que devemos escolher. Gerido sobre o modo da co-construção das respostas, ela funda um acordo sobre a necessidade de agir deixando os bancos que continuam a dar recompensas estranhas aos seus dirigentes em tempos de crise; ela instala, ao mesmo tempo, uma consulta *online* para definir o perfil dos bancos dos quais devemos ser clientes ou encontrar aqueles que se adequam a este bom modelo. Esta deliberação colectiva é interrompida pelo desafio de um utilizador com o pseudónimo de «Liberal». Este último ridiculariza a troca de opiniões, através de um argumento relacionado com a questão, não só do tipo de banco elogiado, mas também, mais genericamente, da relação entre competências e salário no bom funcionamento da economia: «competência ao que eu acho mais piada é que se contrate um director para o vosso banco e lhe paguem 3000 euros por mês: vocês pensam mesmo que vão ter um homem mais competente. O vosso banco, onde os quadros ganham o salário mínimo e têm quatro anos de universidade e um diploma, esse não vai durar grande tempo» (p. 6).

Alguns *posts* desencadeiam trocas polémicas ao criticar a forma como a imprensa e os utilizadores da Net enquadram o problema; eles operam um reenquadramento ao introduzir um «fio» novo na discussão. Em «Estes patrões que comem demais», onde o jornal dá um «pequeno resumo dos últimos escândalos» (31/03/09), é o próprio artigo que é atacado por *Baloo* que retruca: «vamos parar ou vamos continuar este jogo estúpido de denúncias?», seguido de uma lista do «Top dos 50 maiores salários mensais dos futebolistas». *Grûmit* continua («bem visto»):

mas a imprensa gosta de virar os seus projectores para os «feios patrões muito maus tanto que são tão ávidos e despedem todos os pobres e simpáticos trabalhadores» porque isso atíça a raiva das donas de casa (que se sentem compreendidas), e isso traz audiências...

pelo contrário, o jogador de futebol, desde que marque golos, todos gostam dele, e existem muito menos coisas para dizer na imprensa [...] então preferimos insurgir-nos contra os patrões (2).

Estes dois últimos *posts* desencadeiam uma longa polémica sobre a retribuição dos jogadores de futebol e dos artistas, cuja relevância é também um problema (Claudius Lemming «a sucursal da UMP foi encarregada de desviar o debate sobre os futebolistas»). Vemos, portanto, como o conflito desencadeado nos fóruns deriva das tomadas de posições assumidas pelo sujeito falante, quer o seu discurso exiba ou não marcas de subjectividade – o primeiro exemplo usa a primeira pessoa e refere-se à reacção pessoal do utilizador: «ao que eu acho mais piada», a mensagem de *grûmit* suporta um julga-

mento expresso sem recurso à primeira pessoa, mas expressando a sua opinião pelo uso irónico do discurso indirecto («feios padrões muito maus...») e fazendo um julgamento severo sobre as razões que levam a «insurgir-se contra os padrões».

As causas que desencadeiam a polémica retomam ou iniciam um fio em que a(s) questão(ões) central(ais) possui(em) problemas reais: é a razão pela qual a expressão de uma contestação individual pode levar a uma confrontação violenta de pontos de vistas antagónicos. Poderemos imaginar uma boa gestão de empresa sem recompensas desiguais? Quais são as relações entre competências e méritos com a recompensa? Esta deve ser limitada? Estas questões engendradas pela contestação polémica ultrapassam possivelmente as colocadas no artigo de base. «Estes padrões que se empanturram» trata dos salários dos dirigentes de empresas, e não dos futebolistas, e nota rapidamente no final do artigo que a crise «pode ter contribuído para apontar as práticas inaceitáveis, mesmo em período de crescimento». «Está na hora de *Société Générale* rimar com interesse geral» (fonte AFP) relata as reacções da ministra Christine Lagarde ao escândalo das opções de subscrição de acções que a banca pretendia distribuir apesar da sua desastrosa situação financeira, e a sua ameaça de passar pela lei. Não existe qualquer vestígio de debate polémico lançado sobre os salários necessários para assegurar a performance do estabelecimento. É interessante verificar que os confrontos de opiniões *online* podem deslocar o discurso dos jornalistas, e até o dos políticos. Se não chegam a estabelecer uma agenda política, tarefa tradicionalmente reservada aos jornalistas (e aos políticos), levantam, no entanto, algumas questões que o discurso oficial que circula na praça pública não trata nem pretende tratar. A polémica que se desenrola nos fóruns pode, assim, redefinir as temáticas que se discutem e moldar em parte os debates políticos⁴.

As modalidades da polémica no fórum: confrontação argumentada e querela pessoal num diálogo *online*

A opinião que desencadeia a polémica é seguida de ataques que manifestam o surgir de paixões políticas. Estas são desencadeadas no confronto de opiniões, cada um esforçando-se por defender não somente uma posição, mas também os valores que sente ameaçados. As trocas de argumentos que caracterizam o debate transformam-se rapidamente numa radicalização onde cada um tenta denunciar o raciocínio do outro e desacreditá-lo. Neste contexto, o choque de posições contraditórias efectua-se sobre o modo da argumentação, mas esta é reforçada por *flames* que tomam a forma de uma luta pessoal. Esta mistura, autorizada pelo formato de um debate público que tem a aparência de uma «conversa digital», precisa de ser descrita e analisada mais de perto.

No polidílogo (diálogo plural), as interações polémicas podem tomar diversas formas: encontramos «duelos», onde dois utilizadores discutem de forma contínua num espaço acessível a todos (os outros são somente *bystanders*, ou seja, receptores passi-

⁴ Estes dados confirmam os resultados da investigação de Marcoccia (2003: 36) sobre os fóruns de discussão relativos à lei Chevènement no *Libé*. «constatámos que no fórum há muitos reenquadramentos temáticos, que não são propriamente intervenções 'fora do assunto', mas revelam a forma como os participantes definem o assunto».

vos); polémicas descentralizadas ou estreladas nas quais múltiplas reacções violentas se dirigem a um mesmo utilizador (cf. exemplo de «Société générale: uma reforma dourada para Daniel Bouton»); desenvolvimentos complexos, onde o debate alterna com a polémica e se bifurca por vezes devido a «fios novos» que se cruzam (casos que não terei o prazer de tratar aqui).

No primeiro cenário, encontramos a seguir ao artigo «Airbag em ouro maciço no Valéo», 24/03/2009, assinado por Nicolas Cori, uma polémica em que *minuk* e *zythum* se enfrentam; este último define-se no seu perfil como sendo «de esquerda, mas republicano e democrata acima de tudo» e diz não suportar a «estupidez e a injustiça»; *minuk*, quanto a ele, não assinala nada no seu perfil. *Minuk* argumenta, tentando fechar nas suas próprias contradições aqueles que pensam que há «garfos que não podem ser justificados» e perguntando porque é que essas diferenças seriam mais justificáveis, quando aumenta o fosso entre os Franceses e os cidadãos de países menos privilegiados. A sua troca polémica continua com *zythum*, que intervém com paixão, visível pela utilização excessiva de pontos de interrogação:

minuk

E Morin... quantos cambojanos é que ele poderia alimentar??? Fez o cálculo???

Terça 24 Março às 14h21

É desde logo uma verdadeira argumentação que se segue entre os dois utilizadores, em que *minuk* pede ao adversário para ir até à raiz do seu raciocínio: se não deve existir desfasamento entre o nível de vida dos seres humanos, isto também devia ser válido em relação à França e aos países subdesenvolvidos. O argumento principal baseia-se na regra da justiça «que exige a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou situações que integramos numa mesma categoria» (Perelman & Olbrecht-Tyteca 1970: 294). Se, recusando a partilha universal, o homem de esquerda não aceita esta regra e a sua lógica decorrente, ele nega os seus próprios princípios de igualdade. Ele cai, então, sob a reprovação de uma das variantes do argumento *ad hominem*, já que se contradiz. Verificamos ainda que *minuk* baseia, igualmente, o seu raciocínio no argumento da «ponte escorregadia» (muitas vezes considerada como um paralogismo), que é um tipo de argumento pelo resultado (um primeiro passo que vai desencadear uma inevitável cadeia de acontecimentos, cujo resultado final será péssimo). Assim, se aceitarmos a necessidade de partilha de riqueza em França com base nos princípios da justiça e igualdade, será necessária aceitá-la também entre a França e o Camboja, e depois com todo o mundo.

Este argumento opõe-se tacitamente à posição do adversário (neste caso, à necessidade da partilha equitativa da riqueza em França) ao mostrar as consequências desta lógica quando ela é levada ao seu limite, porque neste «jogo» os Franceses sairiam a perder.

Nada disto vos impede de querer continuar a «brincar a este jogo», e seria muito louvável. Mas é preciso ter a consciência do que isto significa.

Penso que se vocês aplicarem esta teoria a todo o planeta, como alguns reclamam, vai haver muito mais pessoas a ir ao «banco alimentar»⁵, do que há actualmente.

Zythum, por seu lado, admite que somos sempre o «super-rico» de alguém, mas acusa o seu adversário de apresentar este argumento para diluir o problema e não atacar a questão das escandalosas desigualdades em França.

zythum (824)

Inscrito Libé +Seguir este utilizador | Perfil

o que eu reparo...

[...] Evidentemente, somos sempre, em absoluto, o «rico» de alguém, se vamos para o outro lado do planeta... mas se é a sua forma de persuadir os que aqui em França não têm sequer onde morar e pouco têm para comer, desculpe-me mas eu acho isso de uma arrogância [...] é patético! Os clientes do banco alimentar vão apreciar imenso a sua generosidade.

Nota-se que *Zythum*, para combater a ideia de *Minuk*, tem o cuidado de o dizer com todas as letras, enquanto o seu opositor a mantinha no implícito (ele não diz, em nenhum momento, que a lógica a que chama uma partilha igualitária deve ser rejeitada, e deixar o outro retirar as suas próprias conclusões em relação ao seu raciocínio. Ele continua a tentar, por sua vez, encurralar o seu adversário numa contradição: «Apercebo-me, também, de que, quando a questão são os salários do grande patronato, nós olhamos sempre para o lado». Se admitimos que, adoptando uma escala mundial, não devemos reduzir as desigualdades por baixo, porquê aceitar fazê-lo tomando o modelo dos EUA para justificar os aumentos salariais? É mais uma vez a regra da justiça que é aplicada num processo moldado sobre o seu adversário, e o argumento *ad hominem* que guia o ataque contra aquele que se contradiz.

A polémica acaba rapidamente, não sem antes se produzir um acordo, que vem confirmar o que já estava aceite à partida, ou seja, que *Minuk* não justifica as importâncias pagas ao gestor de Váleo, Morin:

minuk (1047)

Inscrit Libé +Seguir este utilizador | Perfil

Não me façam dizer

O que eu não disse – ou escrevi mal

A situação de Morin é mais do que anormal [...]

Terça 24 Março às 16h34

Zythum, por seu lado, declara:

⁵ Restos du cœur, associação que faz distribuição na rua aos sem-abrigo ou pessoas com necessidades (N. T).

zythum (824)

Inscrito Libé +Seguir este utilizador | Perfil
minuk... vamos ter calma

[...] eu nunca disse que era apologista da igualdade total entre todos os cidadãos, você diz que eu não admito a escala de 1 a 20 entre baixos e altos salários, quando não só a compreendo como considero que o limite razoável deveria ser esse. Mas aqui, caso não tenha reparado, estamos a falar de salários que são 100, 200, 500 vezes superiores ao salário mínimo nacional!!!

Quarta 25 Março, às 05h58

No seu último *post*, onde o esclarecimento de um mal-entendido permite um consenso sobre as disparidades de rendimentos, o *libernauta* (membro do fórum do *Libération*) retoma a questão não resolvida das comparações, mas termina de modo cortês: «Alguma vez protestaram contra tais afirmações? Permitam-me duvidar. Como também dar-vos o benefício da dúvida...».

Esta análise preliminar tem por único objectivo mostrar que a troca polêmica se alimenta, de facto, de uma argumentação, os adversários desdobrando um conjunto de estratégias para conseguir armadilhar o outro no seu próprio raciocínio e refutar a sua teoria. Não se trata aqui de especificar as formas que pode revestir uma argumentação *online*, mas simplesmente anotar argumentos enumerados para sublinhar a presença inquestionável da argumentação nos fóruns de discussão.

Constatamos que a interacção entre os dois utilizadores é polêmica porque provoca o choque de duas posições contraditórias, e não necessariamente por causa da agressividade que tem aqui caminho livre para acontecer. Em muitos momentos, a confrontação efectua-se pela polarização das posições e pelo seu confronto, sem recorrer a traços de violências verbal⁶. Se o discurso polêmico está enraizado no conflito, ele próprio exposto sob a forma de argumentação, isto não significa que a violência verbal esteja nele ausente. Esta manifesta-se, entre outros, nas trocas que se assemelham a uma discussão baseadas em acusações de má-fé quando relatadas as afirmações do outro, com o objectivo de fazer perder o adversário. *Minuk* «Não me façam dizer o que eu não disse – ou escrevi mal» ; «Não remexam mais o assunto; perceberam muito bem o que eu queria dizer...»; «Esta frase não a ouviram de mim, por isso parem de a atribuir a mim, de etiquetar as pessoas através da maneira como VOCÊS as imaginam. Está bem?!» *Zythum* por sua vez exclama: «Vocês vêem bem como exageram tudo aquilo que eu digo...» O protesto do utilizador vem refutar a imagem que o seu discurso deixa dele próprio: «eu nunca disse que a situação daqueles que costumam ir ao banco alimentar deveria ser deixada tal como está, nem que as pessoas em causa se contentam com isso

⁶ Eis aqui dois exemplos (*minuk*): «segundo a vossa opinião qual é a % de população mundial com um nível abaixo da maioria dos utilizadores deste fórum? 80%? 85%? 90%?». A questão retórica, cuja intensidade é reforçada pela multiplicação de pontos de interrogação, é polêmica em si, como é igualmente a requalificação do adversário como membro de uma casta de privilegiados: «Então os que pedem a uniformização, o fim das disparidades, a redistribuição dos que estão em melhor habitação para aqueles que não estão, [...] faziam bem olhar para lá da linha azul dos Vosges (e outros também): e eles iriam reparar que não estão do lado que eles pensam».

[...] era preciso ser-se mesmo estúpido!». São visíveis as questões identitárias ligadas às críticas sobre a forma de gerir o discurso relatado que explicam em parte a violência das trocas.

Os utilizadores não acusam somente o outro de distorcer as suas afirmações, eles atacam a própria pessoa e as suas capacidades. Assim, interpelam de forma agressiva e directamente o interlocutor: «mas aqui, *caso não tenha reparado* falamos de rendimentos que são 100, 200, 500 vezes superiores ao salário mínimo nacional!!!» (eu sublinho). As afirmações do interlocutor são apresentadas como revelando as limitações da sua fundamentação e por conseguinte das suas capacidades: «minuk: doloroso! Infeliz comentário...». *Minuk*, a princípio mais contido, acaba por adoptar o mesmo tom: «eu digo apenas que é fácil, ingénuo, e até mesmo infantil, apresentar como solução a partilha, a partilha, a partilha, sobretudo se esta partilha [...] só inclui as pessoas que estão financeiramente melhores que nós». Aquele que é apresentado como ingénuo e «infantil» agride por sua vez aquele que ele considera como transgressor de valores de igualdade e de solidariedade: «mas se é a sua forma de persuadir os que aqui em França não têm sequer onde morar e pouco têm para comer, desculpe-me mas eu acho isso de uma arrogância [...] é patético». Infantilidade contra arrogância – é esta troca de insultos que dá à conversa digital a sua dose de querela pessoal.

As modalidades da polémica no fórum: confrontação argumentada e querela pessoal num polidiálogo online

É interessante notar que as trocas polémicas que exploram o formato de polidiálogo, para lá do duelo entre dois parceiros, possuem as mesmas regras tácitas. Combinam a argumentação com a querela pessoal, mesmo quando são compostas por um conjunto de reacções polémicas distintas relativas a um único *post*, que não são propícias a um modo de interacção seguido. Assim, *ddaO* lança uma mensagem desencadeadora que rompe com o consenso e denuncia os seus defensores:

Inscrit Libé +Seguir este utilizador | Profil
E com as vossas orelhas, vocês fazem o quê?

Vocês não acham que exageram a análise aos rendimentos dos patrões, como se essa fosse a única injustiça no mundo – mesmo em França – como se não houvesse nada melhor para fazer. Ah sim, já me esquecia: fazer greve e passear na rua com cartazes. Berrar, insultar, protestar, contestar, esperar o caos, desprezar os bodes expiatórios, insurgir-se nos jornais, [...] é só isso que a esquerda é capaz de mostrar? Estão a pensar organizar primárias nas eleições do PS, mais o que vai haver nos programas, a não ser gaguejar que a direita e o capitalismo são maus para a saúde, e não ter mais nada para fazer se a esquerda ganhar as eleições do que uma política de direita maquilhada?

Terça 31 Março às 10h46

No meio de reacções directas que chegam de todo o lado, podemos destacar as seguintes:

ocin (962)

Inscrito Libé +Seguir este utilizador | Perfil

vocês não sabem

Talvez até existam pessoas de «direita» que denunciam estes excessos e incoerências com tanta veemência. Alguns atrevem-se, mesmo, a pisar a calçada de vez em quando, é de facto escandaloso e a verdadeira razão da regressão do país.

Terça 31 Março às 10h57

Assinalar ao moderador Responder

rústica (237)

Inscrito Libé +Seguir este utilizador | Perfil

bom dia, tristeza!

caro ddaO

Felizmente que ainda existe uma justiça. Morremos todos da mesma maneira – tu também, não tenhas ilusões!! E eles não vão levar nada com eles a não ser a sua infâmia. Para o resto eu proponho que a totalidade dos rendimentos destas pessoas seja transformada em dois milhões de empregos com salário mínimo – sim sim!!! é possível façam as contas – e assim caro amigo, mais ninguém vai passear na rua com cartazes e vais poder dormir em paz abrigado pela tua bandeira triste...

Saudações Cordiais
Philippe Vinsonneau

Terça 31 Março às 11h20

Assinalar ao moderador Responder

alfredogarcia (552)

Inscrito Libé +Seguir este utilizador | Perfil

nada mais do que asneiras

«e não ter mais nada para fazer se a esquerda ganhar as eleições que uma política de direita maquilhada?» Diz você.

Após sete anos de política de direita, com aumentos da dívida pública (o que dá rendimentos aos capitalistas) e a destruição da progressão do imposto, taxas e cotizações e desindustrialização (a última grande fábrica que se instalou em França foi a TOYOTA durante o governo de Jospin) e ainda há «génios do Café do Comércio» para dizer este tipo de asneiras!!!

Terça 31 Março às 12h09

Assinalar ao moderador Responder

peppermintpasca (1024)

Inscrito Libé +Seguir este utilizador | Perfil

a dda0

Claro que sim, amigo, tens razão, há muita coisa para fazer:

- Ligar a televisão
- Carregar no botão (daniel) do comando.
- e pronto TF1 (canal 1), JP Pernaut,

lavagem cerebral... esta tud bem mha senhora, a culpa né nossa, os incompetentes, é a crise, depressa dê-me os meus milhões

Mas vocês/tu (riscar o que não interessa), nada te/vos choca...

é verdade, bate um pouco mais nos desempregados, isso vende muito!

Terça 31 Março, às 12h15

Ao provocador que recusa ver no protesto contra os rendimentos abusivos o cerne da questão e apela à elaboração de um programa de esquerda em vez de manifestações e reivindicações denunciadas como estéreis, os *libernautas* opõem argumentos diversos. O primeiro insurge-se contra a crítica da esquerda com um argumento *a fortiori* (mesmo se os eleitores de direita denunciam estas acções e manifestam, *a fortiori*, os de esquerda); o segundo contrapõe ironicamente que se os bónus fossem transformados em empregos já não haveria manifestações por falta de manifestantes (conduzindo, de novo, ao argumento da causalidade que sustém a sua posição – são as vantagens dadas aos dirigentes que contribuem para o desemprego); o terceiro denuncia a cegueira daqueles que não vêem os desastrosos resultados da política de direita durante os últimos sete anos; o quarto brinca com o ataque de *ddaO* ao reprová-lo por se ter dirigido contra os desempregados em vez de reconhecer a incompetência dos dirigentes. A crítica que o internauta das manifestações faz é atacada com tanta animosidade como fora a sua acusação

contra a carência da esquerda acusada de fazer «uma política de direita maquilhada». Retomando elementos da mensagem desencadeadora, os *posts* desacreditam-nos ao mesmo tempo que o utilizador que instigou o debate é acusado de cegueira, asneira e demagogia. Eles fazem-no num tom de brincadeira, onde a linguagem oral tanto é simulada «está tud bem mha senhora, a culpa né nossa, os incompetentes», como, por vezes, usada como uma arma «é verdade, bate mais um pouco nos desempregados, isso vende muito!». No conjunto, a questão de fundo que leva à contestação de *ddaO*, que diz que o recurso à manifestação e a outras formas de protesto é inútil e deveria ser substituído pela elaboração de um programa político que faz muita falta, bloqueia qualquer negociação. Ao atacar-se uma das formas mais importantes de resistência do cidadão, quebra-se um tabu e impede-se a continuação do confronto. O contestatário é, de alguma forma, posto fora de jogo.

Encontramos, assim, nesta estrutura em forma de estrela, onde vários internautas atacam um mesmo alvo que, neste caso, não responde, a mesma mistura de argumentação e a querela pessoal que no duelo de duas máscaras particulares dá espectáculo no ciberespaço.

Um exame de outras ocorrências de polémica, incluindo os numerosos casos onde o debate entre vários intervenientes se transforma num confronto violento de teses antagónicas, mostra que a co-ocorrência do discurso argumentado e controlado e a querela pessoal violenta são uma constante no *corpus* dos fóruns de discussão analisada.

A lógica de uma forma paradoxal

Sem dúvida a agressão e a violência verbal são traços que, apesar de não serem definidoras, também não deixam de ser comuns na polémica. Trata-se de denunciar a hipótese nociva do outro ao desacreditá-lo. Podemos, no entanto, perguntar-nos o que é que comanda no fórum *online* a lógica de um discurso polémico que se desdobra em ataques pessoais assemelhando-se a uma disputa privada. Podíamos, de facto, ter pensado que o uso de pseudónimos, ao despersonalizar os utilizadores, autorizaria uma troca de argumentos livres de todas as barreiras sociais e individuais. A luta dos indivíduos nas suas posições e lugares preestabelecidos daria lugar, então, à confrontação pura de ideias. No entanto, isto não acontece. Como compreender este fenómeno no ciberespaço?

Não basta destacar, como fazemos muitas vezes, que as trocas de insultos são favorecidas pelo uso de pseudónimo. A máscara permite dar, sem dúvida, mais azo a uma violência verbal pela qual o indivíduo social não é responsável. Mas é necessário não descurar o facto de que no ecrã, o adversário é um desconhecido percebido exclusivamente em função da opinião que ele representa e defende. Ele não possui as múltiplas dimensões – institucional, profissional, amigável, etc. – que intervêm nas relações humanas banais e as complexifica. O homem e a posição defendida sobrepõem-se e confundem-se na totalidade. Aquele que critica os Franceses por uma reacção à crise através de movimentos sociais define-se por esta posição, fora de qualquer outro factor exterior susceptível de completar esta imagem discursiva. Nesta perspectiva, o actor em que a identidade real é desconhecida é uma forma vazia que se funde naturalmente

com o actuante⁷ (Plantin), e tão bem que a tese a combater e a pessoa a desacreditar são uma só. Longe de desencorajar a dimensão individual da troca, a máscara favorece-a ao fazer do utilizador, que possui somente um simples pseudónimo, o alvo de um discurso polémico.

A esta lógica interna do fórum acrescenta-se o formato da conversa digital que transforma, com facilidade, estas trocas verbais em discussão privada, divulgada no ciberespaço. A relação agónica mobiliza aí um francês oralizado que se afirma nas lógicas sintácticas: «esta frase vocês não a ouviram de mim», «Para o resto eu proponho que a totalidade dos rendimentos destas pessoas seja transformado em dois milhões de empregos com salário mínimo – sim sim!! É possível»; nos lugares de tipo falado: «De acordo?!», ou «parece-vos normal?», nas expressões e vocábulos familiares: «remexam mais o assunto», «Ah mas claro, amigo», «bate ainda mais nos desempregados»; em alusões que se assemelham a linguagem oral: «tens razão, há muitas coisas a fazer»; ou num registo mais baixo: aqueles que pouco mais tem «do que algo para comer», «era preciso ser mesmo estúpido!». A oralização, que não se pode confundir com o fenómeno global da conversacionalização, está aqui cheio de funções diversas: ela une o sentimento de proximidade entre os utilizadores chamados a juntar-se ao mesmo lado, e ao mesmo tempo favorece a violência do ataque ao seu opositor.

Conclusões

Vemos, pois, como a conversacionalização, convertendo o debate público numa imitação de conversa diária e favorecendo a subjectivação, transforma as modalidades da polémica. A implicação do sujeito falante, que se traduz na inscrição da sua subjectividade no discurso e na expressão das opiniões pessoais, passa paradoxalmente pelo uso do pseudónimo. A personalização efectua-se através de uma máscara que dissimula as identidades sociais e as relações de lugar. Neste quadro, o adversário sem nome, sem rosto e sem atributos confunde-se com a opinião que defende no seu discurso. Nesta situação, onde o actor se confunde com a opinião que defende, o ataque pessoal é uma regra. Ele toma o aspecto de *flames*, que não são só expressões de violência gratuita (mesmo se tais casos existem), mas muito mais expressões de paixões políticas, indissociáveis da argumentação racional que se desdobra no confronto polémico. E ainda mais porque as trocas polémicas, que levantam questões de fundo, são provocadas pelo questionamento do senso comum elaborado no fórum, isto é, a contestação de opiniões, crenças e valores de base que deveriam unir a comunidade virtual.

A polémica *online* aparece, assim, como uma forma híbrida, uma pseudoconversa que combina não só a oralidade e a leitura, a subjectividade e o anonimato, como também a razão e a paixão, o debate político e a querela pessoal. A sua análise permite ver como se manifesta, hoje, o debate cidadão no espaço público que reivindica a conflitu-

⁷ Plantin (2003: 383): «A distinção entre actores e actuantes da argumentação permite distinguir as oposições entre discursos das oposições entre pessoas, que consideramos como fundamental para a polémica. A argumentação joga-se entre três actuantes: os actores da argumentação são os indivíduos concretos que sustentam estes discursos, que incarnam os papéis».

lidade como «uma dimensão essencial da interacção política» (Taguieff, 1990: 273). A «conflitualidade das trocas» não anda, no entanto, a par da «incomunicação» de que fala Maud Vincent (2007: 101), que assinala no seu estudo de um fórum sobre o caso Dieudonné⁸ que «a maior parte das reacções não são argumentadas e apresentam-se como gritos de revolta, até mesmo insultos». A polémica relativa aos bónus e às opções de subscrição de acções aparece, pelo contrário, como uma troca argumentada onde a mistura do confronto racional e da querela pessoal que suscita o estilo do fórum *online* permite um debate cidadão que articula o espaço público e o espaço privado.

Tradução de Rui Grácio

⁸ Humorista francês acusado de anti-semitismo, após declarações polémicas sobre os judeus, que provocaram muitas reacções de revolta. (N.T.)